



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

JANDSON JOSÉ DE MEDEIROS PEDRO

SOCIEDADE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL:
implicações nas relações de gênero

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

JANDSON JOSÉ DE MEDEIROS PEDRO

**SOCIEDADE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: implicações nas
relações de gênero**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Ms. Hercília Melo do Nascimento

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2018

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Ana Ligia F. dos Santos, CRB4-2005

P372s Pedro, Jandson José de Medeiros.
Sociedade, escola e educação física no Brasil: implicações nas relações de gênero. / Jandson José de Medeiros Pedro. - Vitória de Santo Antão, 2018.
55 folhas.

Orientadora: Hercília Melo do Nascimento.
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2018.

1. Educação Física e Treinamento. 2. Ensino. 3. Sexismo. I. Nascimento, Hercília Melo do (Orientadora). II. Título.

796.082 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-098/2018

JANDSON JOSÉ DE MEDEIROS PEDRO

**SOCIEDADE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL:
implicações nas relações de gênero**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 26/06 /2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Ms. Hercília Melo do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Lara Colognese Helegda (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Ms. Pedro Júnior Pereira de Brito (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Pernambuco

Primeiramente dedico este trabalho a Deus, por ser essencial na minha vida, sem esquecer de minha família, amigos e namorada, faço esta dedicatória pelo carinho e apoio, pois não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Prof. Hercília Melo do Nascimento, minha orientadora e amiga de todas as horas, que acompanhou na construção deste trabalho.

A Prof. Lara Colognese Helegda pelo apoio e conhecimentos trazido.

Aos todos os professores que contribuíram na construção de meu conhecimento pelos textos traduzidos, orientação, seu grande desprendimento em ajudar-nos e amizade sincera nesta instituição.

Aos meus familiares em especial os meus pais José Pedro Irmão e Josefa Maria de Medeiros e minha irmã Joselane Maria de Medeiros.

Aos meus amigos e colegas de turma que ao longo de todo percurso tive o privilégio de conviver. Em especial, aos meus amigos Jailton de Santana Silva, João Pedro da Silva Neto, Luís Henrique Ferreira de Melo Moura e Luiz Raimundo da Silva Cunha, pelo incentivo e grande apoio ao longo da jornada nesta instituição.

Não poderia de deixar de agradecer a minha namorada Érika Alliny Lopes da Silva, por sua companhia ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

A quem não mencionei, mas esteve presente ao meu lado, quero lembrar que não estão esquecidos: vocês foram imensamente importantes para a construção do meu conhecimento.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
transforma o mundo”. Paulo Freire.

RESUMO

A educação física no Brasil possui marcos documentais a partir da Academia Real Militar, em 1810. Sua implantação no contexto escolar data 1851 através da reforma Couto Ferraz, reiterando vínculo a projetos político-sociais conduzidos no País. Contudo, o esforço físico da disciplina foi motivo de proibição de pais e responsáveis em relação ao componente curricular. Somente após parecer de Rui Barbosa acerca da Reforma Leôncio de Carvalho em 1882, a ginástica foi incluída nas aulas de Educação Física e apresentou compreensão equiparada dos professores em relação a este componente curricular frente a outras disciplinas. Configurava-se necessário para a conjuntura nacional educar o corpo físico e formar indivíduos saudáveis e disciplinados, que servissem para promover a eugenia da população. São notórios processos de inclusão/exclusão envolvendo relações de gêneros nas aulas de educação física, com repercussões na formação humana através da escolarização. Por esta razão, o laboro voltado à revisão de literatura, exploratório quanto a seus objetivos, apresenta qualitativamente conhecimentos provenientes de artigos, teses e dissertações que relacionam história, sociedade, relações de gênero e educação física. Os materiais coletados sofreram leitura seletiva e analítica, para identificação de categorias encontradas no material bibliográfico, tais como: dificuldade na formação do profissional (n: 2), aspectos tradicionais da área da disciplina (n: 12), mídia (n: 2), padrão masculino da área (n: 11), aspectos biológicos (n: 7), dimensões sexistas (n: 8), políticas públicas (n: 1), ensino infantil (n: 2), roupas (n: 2), aulas separadas por sexo (n: 6) e aulas mista (n: 1). Para reverter esse quadro de desigualdades e exclusões, foram extraídas 8 categorias de abordagem inclusivas sugeridas pelos autores, que são: mídia (n:1), composição da aula (n:13), pesquisa (n:3), formação superior (n:1), relação professor/aluno (n: 3), coeducação (n:5), habilidade motora (n:1) e engajamento escola/sociedade (n:1). As aulas coeducativas de acordo com a discussão proveniente do material avaliado têm se que permitem a participação dos alunos para construção de uma educação mais igualitária, conduzindo as aulas de educação física como um lócus de desconstruções de preconceitos e superações de desigualdade principalmente para o gênero feminino que é o mais prejudicado no que tange às vivências corporais.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Escola.

ABSTRACT

Physical education in Brazil has documentary milestones from the Royal Military Academy in 1810. Its implementation in the school context dates back to 1851 through the Couto Ferraz reform, reiterating a link to political-social projects conducted in Brazil. However, the physical effort of the discipline was prohibition of parents and guardians in relation to the curricular component. Only after Rui Barbosa's opinion about the Leôncio de Carvalho Reform in 1882, gymnastics was included in Physical Education classes and presented a similar understanding of teachers in relation to this curricular component compared to other disciplines. It was necessary for the national context to educate the physical body and to form healthy and disciplined individuals who would serve to promote the eugenics of the population. There are notorious inclusion / exclusion processes involving gender relations in physical education classes, with repercussions on human formation through schooling. For this reason, the work focused on the literature review, exploratory regarding its objectives, presents qualitatively knowledge from articles, theses and dissertations that relate history, society, gender relations and physical education. (N: 2), traditional aspects of the area of the subject (n: 12), media (n: 2), and other aspects of the literature (n: 2), gender (n: 8), gender (n: 8), public policies (n: 1), child education classes separated by sex (n: 6) and mixed classes (n: 1). In order to revert this picture of inequalities and exclusions, 8 categories of inclusive approaches suggested by the authors were extracted: media (n: 1), class composition (n: 13), research (n: 3), higher education : 1), teacher / student ratio (n: 3), coeducation (n: 5), motor skill (n: 1) and school / society engagement (n: 1). The coeducative classes according to the discussion coming from the evaluated material have been that they allow the participation of the students to construct a more egalitarian education, conducting the classes of physical education as a locus of deconstruction of prejudices and overcoming of inequality mainly for the feminine gender who is the most impaired when it comes to bodily experiences.

Keywords: Genre. Physical Education. School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA.....	12
3 QUESTÃO CONDUTORA	13
4 OBJETIVOS.....	14
5 METODOLOGIA	15
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
6.1 MOTIVOS DE EXCLUSÃO	18
6.2 ESTRÁTEGIAS DE INCLUSÃO	24
6.3 PAPEL DO TRABALHO PEDAGÓGICO	27
6.4 PAPEL DO PROFESSOR.....	28
6.5 CONCEPÇÕES DE GÊNERO	30
7 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE A – FICHA DE ANÁLISE.....	39

1 INTRODUÇÃO

A educação física no Brasil, de acordo com a literatura, teve chegada ao Brasil através da Academia Real Militar, em 1810. Sua implantação no contexto escolar brasileiro data 1851 através da reforma Couto Ferraz, reiterando vínculo a projetos político-sociais do país. Mas, vale destacar que o esforço físico da disciplina foi motivo de proibição de pais e responsáveis em relação ao componente curricular, na medida em que julgavam relação com o trabalho escravo (BRASIL, 1997).

Após parecer de Rui Barbosa acerca da Reforma Leôncio de Carvalho em 1882, a ginástica foi incluída nas aulas de Educação Física e apresentou compreensão equiparada dos professores deste componente curricular a das outras disciplinas, na medida em que era necessário para a conjuntura educar o corpo físico e formar um indivíduo saudável e disciplinado, que servisse para promover a eugenia da população brasileira. Criar uma nação mais forte e pura era o pensamento político e intelectual daquela época.

Assim, os fins de eugeniação e higienismo proporcionavam tratamentos distintos entre os gêneros, na compreensão de papel e necessidades de homens e mulheres. As aulas para os meninos tinham o objetivo de desenvolver e aperfeiçoar suas capacidades e habilidades físicas para o pronto ingresso no mercado de trabalho e aptos a defender a Pátria a qualquer momento. Para as meninas o objetivo escolar voltava-se ao desenvolvimento de mulheres esbeltas, com gestos delicados e prontas para atividades do lar e filhos (CASTELLANI FILHO, 1988).

Exercendo influência nas relações e práticas sociais, assume função na fase higienista brasileira (até 1930) descrita acima e na militarização no Brasil (1930-1945), com vistas à concepção biomédica centrada de saúde, ordem pública e geração de filhos fortes para a pátria (OLIVEIRA, 1993). A Igreja também esteve implicada no projeto de formação do cidadão e da cidadã, preocupada com as santas virtudes das mulheres católicas, moral, decoro e disciplina dos corpos nas primeiras décadas do século XX, como destacado na dissertação de mestrado de Câmara (2009).

Fazendo uma análise interpretativa da realidade, os objetivos das aulas refletiam o retrato da sociedade da época, com participação social e política irrestrita ao homem, com o direito das mulheres em escolher representantes conquistado somente em 1932 (CÂMARA, 2009, p. 22). Campanhas nacionais e lutas sociais quebraram e continuam rompendo barreiras de valorização da mulher, inclusive na área de Educação Física.

Por exemplo, temos a revogação do Decreto N. 3.199/1941 que não permitia a prática de mulheres em desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, dando espaço para a deliberação do Conselho Nacional do Desporto em 1965 na defesa da participação feminina na prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições.

A organização das mulheres colaborou na disputa de ideias junto à sociedade, reunindo apoiadores e avançando em áreas no que tange a educação, saúde, trabalho e seguridade social. Contudo, a expansão de políticas públicas e controle social enfrentam resistências de grupos mais conservadores e avessos à inserção feminina em altos postos do mundo do trabalho e remuneração equivalente em cargos ocupados com mesma atribuição dada a homens.

Na área da Educação Física Escolar e treinamento desportivo é crescente a atuação de mulheres na profissão, conteúdos similares para meninos e meninas na escola, mas ainda nos deparamos com propostas pedagógicas que optam por segregação nas aulas. Desmotivação e evasão escolar são relatados em estudos realizados no ensino médio, na medida em que há demasia da esportivização e exigência de habilidades otimizadas nas avaliações, predominância do futebol na seleção de conteúdos, ausência de vivências voltada para a dança, influenciando em fatores de exclusão escolar (DEVIDE et al., 2011).

Essas realidades constantes despertaram o interesse em realizar uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre questões envolvendo relação de gêneros nas aulas de educação física, no sentido de identificar processos de inclusão/exclusão no trabalho pedagógico, que possam impactar na vida dos alunos e, conseqüentemente, na sociedade enquanto agente.

É inegável o avanço da temática de gênero no meio científico, seja no âmbito escolar, social, histórico, econômico, político e etc. Destaca-se o empenho da pesquisadora Joan Scott, por seus trabalhos. Concepção de gênero um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, uma forma primária de dar significado as relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

De forma colaborativa, ultrapassam aspectos (masculinos e feminino) na definição de gênero, incluindo outras categorias. Outra prova dessa significação de poder é o simbolismo que Scott argumenta que pode representar vários aspectos, positivos até negativos. "Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequências contraditórias)" (SCOTT, 1995, p.86) como, por exemplo, Maria e Eva - a pureza e a sujeira, suas múltiplas interpretações, mas são contidas em interpretações binárias, a partir de explicações culturais.

Outro autor que o presente trabalho se baseia é Meyer (2003), para ele gênero é um organizador da cultura e ao mesmo tempo, como uma categoria que atravessa e constitui os sujeitos de forma ininterrupta ao longo da vida. Dessa forma a compreensão de gênero é percebida como uma identidade individual, que se constitui através de relações sociais, culturais, religiosas e políticas que pode variar de regiões. A educação seria o ponto inicial para conscientização e superação das diversidades humanas, pois discriminação, desigualdade e relações de gêneros, ao longo da história, tem-se que a educação física no currículo escolar, reitera esses momentos de produções, mas também de valorização das diferenças. Por exemplo, nas aulas práticas, muitas vezes é planejada distintamente a partir de cada sexo.

2 JUSTIFICATIVA

A justificativa científica deste trabalho atende a necessidade de contínua atualização de conhecimentos no exercício docente, no sentido de contribuir nas reflexões relacionadas a questões de gênero no ambiente escolar. Consequente, sua justificativa social ancora-se na busca de relações humanas de respeito à diversidade, de redução de diferenças entre homens e mulheres na efetivação de uma nova sociedade.

A temática advém de experiência nos estágios e intervenções em escolas e vivências de deparar com situações peculiares, situações estas, que reproduziam um ambiente de exclusão/desigualdade que era reforçado pela resistência de boa parte dos alunos em participar das atividades propostas. Esse cenário citado anteriormente é algo corriqueiro da área e facilmente encontrado em trabalhos e declarações de profissionais atuantes na área de educação física escolar.

Nas minhas vivências ao decorrer da minha formação tive o privilégio de cursar uma cadeira eletiva com o curso Saúde Coletiva chamada de Teoria de Gênero e Sexualidade, que permitiu a ampliação da minha visão a respeito desta temática e auxiliou na utilização desses conhecimentos no meu campo de trabalho onde pude perceber a ligação desse conteúdo com a realidade da minha área de atuação com suas problemáticas históricas. As cadeiras pedagógicas do curso influenciaram bastante quando apresentavam ideológicos de uma educação mais libertadora, discursivas e igualitária, mas sempre respeitando as diferenças de cada aluno e seus conhecimentos variados e deste modo formar um cidadão pronto para o convívio social, conforme propostas de Paulo Freire e do professor Libâneo.

3 QUESTÃO CONDUTORA

De acordo com a literatura, como acontecem as relações de gêneros nas aulas de educação física?

4 OBJETIVOS

Objetivo Geral: Identificar processos de inclusão/exclusão envolvendo relações de gêneros nas aulas de educação física, com repercussões na formação humana através da escolarização.

Objetivos Específicos:

- Objetivo 1: Apontar estratégias inclusivas relacionadas a questões de gênero nas aulas de educação física;
- Objetivo 2: Explanar motivações de exclusão escolar no tocante a relações entre homens e mulheres nas aulas de educação física;
- Objetivo 3: Abordar a tarefa pedagógica voltada à formação humana para a construção de uma nova sociedade.

5 METODOLOGIA

Para Fonseca (2002), *metodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, a metodologia pode ser entendida como o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos pelo investigador, para se realizar pesquisa. Etimologicamente, vale ressaltar que significa o estudo dos caminhos e dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Portanto, no sentido de reprodução ou rediscussão futura do objeto desta investigação, o caminho que se optou em realizar será descrito, assim como a apresentação da sua classificação.

Quanto a sua natureza, a pesquisa básica busca aprofundar conhecimentos, sem aplicabilidade de seus produtos, assumindo quanto aos seus objetivos intentos exploratórios (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gil, 2007, p, 35).

Consoantes, em termos metodológicos, o presente estudo consiste em uma pesquisa de revisão bibliográfica, com cunho qualitativo, que, para Minayo (2001), trabalha com o universo de motivos, crenças, valores e atitudes, enquanto um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A adesão ao termo revisão bibliográfica advém Noronha e Ferreira (2000, p. 191) como estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Durante a pesquisa foram utilizados artigos publicados nos últimos 10 anos retirados dos bancos de dados, evitando-se obras de vulgarização: Lilacs, Scielo e Portal de Periódicos da CAPES.

Os termos descritores utilizados foram: Educação Física escolar, Gênero e Sexualidade.

A coleta de material compreendeu o período entre junho e julho de 2017, considerando as etapas para a leitura do material:

a) identificar as informações e os dados constantes do material impresso; b) estabelecer relações entre as informações e os dados obtidos com o problema proposto; c) analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores.

Durante a coleta do material houve a necessidade de expandir de 10 para 20 anos de publicação dos artigos, para assim conseguir mais materiais referentes ao assunto e que consigam abranger os pontos específicos nas suas análises sem fugir dos objetos do presente trabalho.

Após a coleta os meses de Agosto e Setembro de 2017, foi destinado para a leitura exploratória, para verificação do material bibliográfico e sua compatibilidade com o objetivos do presente estudo.

O mês de Outubro de 2017, foi realizado a leitura seletiva e assim a separação de materiais bibliográfico, no meses Novembro e Dezembro de 2017 foi realizado a leitura analítica e foram analisados todos os artigos e livros e separados pontos importante de cada obra.

Em seguida nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2018 foi realizado a leitura interpretativa e foram comparados os dados extraídos e assim, no meses de Março, Abril, e Maio foi desenvolvido o relatório final e entregue no mês de Junho de 2018.

Para o levantamento do material foi utilizado como o recurso as fichas de análises para obtenção de dados dos 17 artigos encontrados nas bases de dados, as fichas foram formadas por tópicos relacionado com o objetivo do presente trabalho e de informações importante, os tópicos desenvolvidos foram: o título do

artigo, termos utilizados na pesquisa do mesmo, concepção de gênero, estratégias inclusivas, motivos de exclusão, papel da educação, papel do professor, minhas observações e por último os artigos foram enumerados para melhor tratamento. As fichas se encontram nos apêndices deste trabalho para observações. A partir do preenchimento das fichas foram identificadas categorias que representam o cenário atual do ensino da educação física e expõem situações características históricas que estão presentes nos resultados deste trabalho. Em seguida foi desenvolvida a conclusão baseada nos resultados, materiais bibliográficos e nos referenciais teóricos.

Para realização desta pesquisa foram utilizados um notebook pessoal acer aspire e1-571-54mc, impressora Epson L355, refil p/Ecotank L800 preto T67312AL Epson CX, uma resma de papel sulfite chamex Office-A4, duas canetas do modelo compactor 07 B 1.2 mm (azul e outra vermelha).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 MOTIVOS DE EXCLUSÃO

Considerando o histórico de exclusão e desigualdade nas aulas de educação física, as principais categorias encontradas no trabalho a partir da análise do material bibliográfico obtido durante a pesquisa foram: dificuldade na formação do profissional (n: 2), aspectos tradicionais da área da disciplina (n: 12), mídia (n: 2), padrão masculino da área (n: 11), aspectos biológicos (n: 7), dimensões sexistas (n: 8), políticas públicas (n: 1), ensino infantil (n: 2), roupas (n: 2), aulas separadas por sexo (n: 6) e aulas mista (n: 1). Essas 11 categorias foram encontradas nos 17 artigos analisados.

Em relação a ausência da discussão da temática nos cursos de formação, que é afirmado por Devid (2011) e Monteiro (2017). Deste modo os autores expõem a fragilidade na formação do professor em relação à temática, prejudicando assim sua atuação.

Quando enfocamos em motivos de exclusão vários autores relatam fatores tradicionais da área de educação física, pois as aulas de educação física possuem motivos peculiares diferentemente das outras disciplinas. Devid (2011) relata a prática de enfatizar as habilidades motora, a força e a idade dos alunos nas aulas práticas tornado um fator preponderante para a exclusão/desigualdade de participação nas atividades. Segundo Silva e César (2014) ao descreverem a área como sendo marcada pelo conhecimento biológico; fazendo que ainda seja utilizada por boa parte dos professores segundo como afirma Dornelless (2012). Isto está relacionado ao projeto de construção da pátria forte iniciada pela eugeniação e higienismo para uma população mais saudável e preparada para defender o país a qualquer momento nos anos de 1851.

Para Uchoga e Altman (2015) mencionam a dificuldade em desenvolver a confiança das habilidades dos alunos criando assim um medo dos mesmos em arriscar-se em novas aprendizagens corporais, isto se deve pela timidez de boa parte dos alunos e o medo de ser motivo de chacota pelos outros alunos por sua

desenvoltura nas atividades impostas durante as aulas de educação física. Presenciamos este acontecimento na faixa etária do ensino fundamental 2 e no ensino médio, por serem alunos com mais idade e com uma formação social mais construída. Assim tornando a prática do bullying nas aulas de educação física algo preponderante segundo Vianna (2015) para a resistência ao novo que também é uma dificuldade citada por Altaman (2014).

Desse modo essa é umas das barreiras que o profissional do meio escolar irá enfrentar no seu campo de atuação, que está reforçado ainda pela dificuldade em transgredir as práticas corporais (SILVA; CÉZAR, 2012) e o que seria transgredir as práticas corporais? Seria desobedecer aos padrões estabelecidos tradicionalmente na sociedade enquanto atividade consideradas masculinas/feminina, ou seja, incluir todos os alunos na atividade explorando todo o aspecto da mesma.

Outro ponto é a escassez de pesquisa sobre o assunto que se configurou como motivo de exclusão sendo reforçado pelo comodismo de professores em um cenário de desigualdade, pois é necessário que os profissionais se engajem em realização de estudo junto com políticas de inclusão. Essa falta de pesquisa e cenário de conformismo de professores são afirmados nos trabalhos de Saraiva (2003) e depois no trabalho de Altman (2011). Perpetuando assim essa triste realidade, como a falta de debates nas aulas que é descrito por Jesus e Devidé (2006) e reforçado por Corsino (2014). Corsino (2014) relata a esportivização dos conteúdos das aulas menosprezando assim, os outros conteúdos da cultura corporal (Lutas, danças, jogos, ginástica, esporte) favorecendo constantemente a participação dos meninos em esporte que culturalmente são classificados como masculino, como o futebol e ao longo do tempo se torna um cenário típico de exclusão da área conseqüentemente promovendo a separação de meninas e meninos.

Histórico de separação na área de meninos e meninas que Corsino e Auad, (2012) é um agravo que afirma cada vez mais a desigualdade entre os gêneros. Não podemos esquecer o preconceito dos alunos por algumas atividades (KLEINUBING; SARAIVA, 2013). Essas atividades sofrem com resistência muitas vezes dos alunos por serem classificados como masculina/feminina, como por exemplo a dança que na visão de muitos alunos é uma prática feminina e a luta que é classificada como

prática masculina, ou seja, os estereótipos construídos socialmente e culturalmente. Esses aspectos que ao longo do tempo acabaram se tornando característico da área de educação física reforçam o cenário de exclusão nas aulas.

Posteriormente a mídia citada em dois artigos como sendo um meio que favorece a exclusão/desigualdade pois para os autores Devid et al. (2011) e Corsino (2014) indicam como sendo um dos promovedores desses aspectos nas aulas e que é afirmado pela falta de representatividade dos esportes femininos e uma masculinização dos esportes transmitidos pela mídia. Mas, contudo, a diferença de remuneração entre os atletas masculinos e femininos junto com a falta de patrocínio e apoio para os esportes femininos não tem sido exposto e abordado nos meios de transmissão. Podemos incluir aqui na discussão o modelo de comportamento adequado para homens e mulheres em programas de tvs, fortalecendo assim a imagem específicas para cada gênero.

O padrão masculino da área de educação física que acarreta em uma masculinização está presente em 11 artigo tornando uma categoria que expõem claramente vários motivos de exclusão/desigualdade, pois dificultam o convívio entre os gêneros durante as aulas e favorecendo a permanência dos estereótipos nas práticas corporais de acordo com Devid (2011), promovendo assim a supremacia de gênero (SAYÃO, 2002) que para Silva e Cézar (2012) é a supremacia masculina nas aulas, seja na realização das atividades motoras, ou até mesmo na escolha do conteúdo pelo professor que desconsidera a presença das meninas dentro da sala de aula. Outro aspecto que pode explicar essa supremacia como sendo uma, construção de gênero que elevam o gênero masculino e auto exclusão das meninas (UCHOGA; ALTMAN, 2015). Desigualdade nas "relações de poder" na sociedade (DORNELLES, 2012) reflete diretamente nesse quadro, proporcionando uma violência e agressividade nas aulas (VIANNA. et al., 2015) devido ao alto grau de competitividade dos alunos no desenvolvimento das atividades de aulas.

Devido a esse grau de competitividade dos meninos que acarreta em prática mais truculenta, vários professores preferem utilizar esportes considerados mais leves, ou seja, que não tenham muito contato físico para as alunas, como por exemplo o vôlei. Desse modo as meninas muitas vezes deixam de vivenciar a experiência corporal de outras práticas como, futebol, basquetes, lutas e outras que

possam despertar um contato físico mais frequente ou até mesmo mais vigoroso durante sua realização e assim por sua vez se torna um motivo de desmotivação das meninas em relação às aulas de educação física.

Podemos afirmar que essas diferenças são socialmente construídas entre os gêneros, sobrepondo o masculino ao feminino (BRITO; SANTOS, 2013) este autor também relata a competitividade entre os meninos e xingamentos utilizados pelos meninos usando termos femininos, que termina causando um desconforto para o gênero feminino pois essa atitude expõe a visão que é muitas vezes relacionada para este gênero de não conseguir realizar uma atividade adequadamente, não possuir capacidades físicas suficientes para suprir o que é exigido para aquele esporte entre outros.

Dessa forma atenuando o gênero feminino, critérios como idade, habilidade e força são apenas mais um aspecto utilizado para justificar a masculinização (ALTMAN et al., 2011).

A brutalidade dos meninos nas aulas (JESUS; DEVIDE, 2006) foi algo que podemos observar que diferentes trabalhos mencionaram como sendo um fator de masculinização e que geralmente no dia a dia do professor é comum em deparar-se com meninos não aceitarem atividades com meninas (MONTEIRO, 2017), que pode ser relacionado com a própria vivência dos alunos (CRUZ, 2012) que é a vivência fora da escola no âmbito social e que é adquirida e praticada dentro da escola e da mesma forma o que é aprendido na escola é usado fora dela fazendo assim, um sistema retroalimentado.

Também ficou evidente a influência dos aspectos biológicos que engloba as habilidades motoras que já foram indicadas como um dos componentes da categoria aspectos tradicionais da área da disciplina. Como os aspectos biológicos estavam presentes em 7 artigos envolvendo fatores variados ligados a esses aspectos foi criada essa categoria de aspectos biológicos. Ao longo da pesquisa os autores realçam os seguintes fatores, aspectos biológicos (DEVID et al., 2011), habilidades motoras Uchoga e Altman (2015); Brito e Santos (2013); Altman (2011); Jesus e Devid (2006); Monteiro (2017); Cruz (2012), eles citam a habilidade motora como sendo um fator que interfere diretamente nas aulas e desmotivam as meninas e até mesmo alguns meninos de participarem das aulas.

Força muscular (UCHOGA; ALTMAN. 2015) é um fator que agrava a participação dos gêneros/sexos pois a diferença nessa capacidade física promove por muitas vezes o medo de envolvimento dos alunos por receio de se machucarem, diferenças de desempenho motor das meninas nos esporte e fatores como gênero, idade e força são abordado por Brito e Santos (2013) pois o professor também têm lidar com situação de diferença de faixa etária dos seus alunos e conseqüentemente a diferença de força. Jesus e Devidé (2011) colocam ainda além dos fatores biológico, fatores como cultura, social e histórico que auxiliam a sustentar esses aspectos biológicos nas aulas de educação física.

A questão de fatores sexista está presente, em 8 artigos envolvendo essa questão então os autores a seguir relatam os seguintes fatores. Essa questão de sexismo foram abordados nos artigos como: classificar práticas impróprias relacionada ao gênero, impossibilitando a vivência da mesma e conseqüentemente dividir as atividades de acordo com o gênero (KLEINUBING; SARAIVA, 2013), ou seja são os papéis pré-determinado por dimensão sexista que promovem uma desigualdade na participação das aulas como é questionado por Sayão (2002); Saraiva (2003); Jesus e Devidé (2006); Altman et al. (2011); Monteiro (2017). Como afirmado por Silva e Cezar (2012) a sociedade ao longo da história impôs normas de gênero que dificulta o convívio e a liberdade de cada um, promovendo assim segundo Cruz (2012) uma classificação das atividades em masculino/feminino.

As políticas públicas também foram referenciadas em 1 artigo, nesse trabalho os autores relatam a falta de orientação baseada em políticas públicas (NASCIMENTO; AUAD, 2012). O ensino infantil está presente em 2 artigos, que por sua vez relatam a falta de problematização do tema gênero na fase inicial escolar (CORSINO, 2014), faixa etária dos alunos (mais velhos, mais difícil) (DORNELLES, 2012) portanto, mais cedo começar a trabalhar melhor será o resultado porém segundo os autores citados anteriormente isto não vem sendo realizado nas escolas do nosso país.

A roupa dos alunos foi citada como um fator de exclusão nas aulas de educação física (JESUS; DEVIDE, 2006) já (DORNELLES, 2012) fala que das roupas de meninas inadequadas que interferem no desenvolvimento das atividades. Esta situação é algo frequente no dia a dia do professor de educação física, que tem

que lidar com espaços inadequados de trabalhos, alunos que usam roupas adequadas para realização dos exercícios.

A categoria de separação das aulas por sexo foi relatada em 6 artigos, questionada pelos autores pela separação das turmas por gênero que é afirmado por Jesus e Devid, (2006); Devid (2011); Corsino (2014); Vianna (2015); Dornelles (2012) as categorias abordadas anteriormente reforçam essa realidade de segregação de meninos e meninas. Cruz (2012) ainda cita a separação entre os sexos na escola, por meios de grupos de amizades, de grupos para realização de atividades pedagógica entre outros.

As aulas mistas mesmo aparentemente mostrando-se como prática de inclusão a literatura apresentou que no seu interior pode desenvolver ambiente propício para propagação de preconceitos promovida pelas diferenças motoras, cultural etc. Portanto podendo vir se tornar um fator de exclusão e desigualdade como afirmam os autores Silva e Cezar (2012). Essa citação expõe a complexidade na resolução desse cenário, pois, não é um simples ato isolado que irá mudar todo modelo construído historicamente é necessário muito mais para isso.

A seguir nesta segunda parte abordaremos as proposições de mudanças para esta realidade de desigualdade/exclusão citada anteriormente seja transformada em um ambiente de igualdade/inclusão.

6.2 ESTRÁTEGIAS DE INCLUSÃO

Para reverter esse quadro de desigualdade e exclusão dos 17 artigos obtidos, foram extraídas 8 categorias de abordagem inclusivas segundo os autores dos respectivos trabalhos. As categorias foram: mídia (n:1), composição da aula (n:13), pesquisa (n:3), formação superior (n:1), relação professor/aluno (n:3), coeducação (n:5), habilidade motora (n:1) e engajamento escola/sociedade (n:1). Os autores citam algumas estratégias pedagógicas. Mas, para Devid et al. (2011) a mídia pode ser usada como um meio para desconstrução de cenário atual.

Considerando a potencialidade que a mídia possui baseado na pesquisa de Devid et al. (2011), a mesma é capaz de auxiliar no processo de inclusão nas aulas de educação física. É inegável o poder de alcance que a mídia possui e através de programas que questionasse as temáticas de gênero no esporte, no meio social e no campo educacional promoveria um questionamento maior para seus usuários iniciando assim, mais mobilização perante a sociedade. Mais espaço para os esportes feminino nas suas transmissões, mais patrocínio entre outros, auxiliam consequentemente em um cenário de inclusão nas aulas.

A composição da aula é um aspecto fundamental para que haja uma aula igualitária e que é reforçado nos 13 artigos que compõem a categoria da composição da aula, que por sua vez acaba trazendo aspectos essenciais para montagem de uma aula. Uma estratégia citada é a construção das identidades de gênero através das problematização das aulas Devid (2011); Nascimento e Auad (2012); Dornelles (2012); Brito e Santos (2013); Saraiva (2003); Jesus e Devid (2006); outra proposta é a adaptação das atividades segundo Altman (2011) para que todos possam realiza-las, o autor Cruz (2012) reforça essa importante fator durante o desenvolvimento das aulas de educação física.

Kleinubing e Saraiva (2013) ressalta a necessidade da reflexão das vivências nas atividades para que haja uma desmistificação de preconceito relacionado a certo tipo de movimento corporal. A diversificação de conteúdos é algo essencial na composição da aula pelo professor como é abordado no trabalho de Altman (2011). Para os autores Silva e Cezar (2012) é fundamental a abordagem do cotidiano com as questões da temática, já para Jesus e Devid (2011) é preciso relevar a temática

na área de educação física escolar. Para promover esse cenário é importante o diálogo entre o professor e aluno e entre os próprios alunos nas aulas como é citado por Corsino (2014).

Outro fator importante é o aumento de número de pesquisa na área que foi citado em 3 artigos como sendo um potencial para promover a inclusão nas aulas, como mencionado por Devid et al. (2011) mais estudos relacionado gênero na educação física, pesquisas e um melhor aprofundamento (SILVA; CÉSAR, 2014), e é fortalecido quando é mencionado a necessidade de mais conhecimentos (MONTEIRO, 2017).

Algo interessante proposto como estratégia de inclusão é a inclusão do tema gênero nos currículos de cursos de formação superior em educação física algo que defendido por Devid et al. (2011), para dar mais bases teóricas acerca do tema e para que o profissional possa refletir e analisar todas as questões e peculiaridades que envolve esse meio.

A relação professor/aluno mostrou-se em 3 artigos como fator imprescindível para que haja uma educação igualitária e que para isto aconteça é importante construir nessa relação o tratamento igualitário aos alunos (NASCIMENTO; AUAD, 2012), conversas entre professor aluno (VIANNA et al., 2015), adaptar as aulas (SILVA; CEZAR, 2012), ou seja é importante desconstruir a visão do professor tradicional que é focado em apenas nos seus exercício físicos/técnico, para um professor mais flexível e humano.

A coeducação apresentou-se nos 5 artigos analisados, indispensável para as aulas de educação física pois envolve fatores preponderante na desconstrução das diferenças nas aulas. Tornando assim como uma alternativa no trabalho de (CORSINO; AUAD, p. 994. 2012) que afirmam.

Tal conceito consiste em favorecer atividades conjuntas entre meninos e meninas; proporcionar outros significados às modalidades que apresentam certas características, como o rendimento; dar importância à participação do/a professor/a, que deve dispensar tratamento igual para meninas e meninos, fazendo as mesmas exigências para ambos; aproveitar eventuais situações ocorridas durante as aulas para problematizar as questões de gênero.

A prática coeducativa deve-se fazer presente nas aulas de educação física segundo Jesus e Deivid (2006); Corsino e Auad (2012); Corsino (2014); Monteiro (2017). A prática permite que os alunos possam aprender um com o outro ou seja uma educação simultânea que para Saraiva (2003) as experiências coeducativas problematizam as questões de gênero através das diferentes visões de cada gênero durante a prática nas atividades. A coeducação não se restringe em simplesmente permitir a vivência das aulas de educação física de meninos e meninas juntos no mesmo espaço, vai além, ela traz a necessidade de promover uma socialização e problematização das diferenças e adaptação das atividades proposta, para que todos tenha o acesso.

Um aspecto que deveria ser tratado durante essas aulas para resolver os problemas/diferença das habilidades motora entre meninos e meninas é a melhoria das habilidades dos ambos os sexos no trabalho de (UCHOGA; ALTMAN, 2015).

Por último foi extraído dos trabalhos a categoria de engajamento escola/sociedade que se faz presente no trabalho de Monteiro (2017). É fundamental o envolvimento da sociedade na discussão dessa temática, para que haja uma conscientização dos indivíduos que a compõem. Na educação é preciso que ocorra um engajamento da instituição escolar, iniciando na construção de seus PPPs (Projeto Político Pedagógico), com palestras e trabalhos interdisciplinares. Na área de educação física veremos a seguir como Monteiro (p. 356. 2017) abordar a questão:

Porém, não basta que um/ou outro/a professor/a de educação física se interesse pelo tema e o utilize com frequência em suas aulas. É necessário um esforço de todos os setores envolvidos na prática educativa. É importante que nossas universidades discutam e tornem claro esse tema para seus licenciandos, de modo que eles também valorizem essas ações.

Deste modo é necessário que os setores educacionais e sociais trabalhem juntos com o objetivo de mudar esse cenário de desigualdade/exclusão que ainda ocorre na área de educação física escolar.

6.3 PAPEL DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Os trabalhos abordaram a importância do papel da educação ao cenário de relações de gêneros, pois os autores dos presentes trabalhos julgam essencial ferramenta de modificação das situações de exclusões nas aulas de educação física. Assim foi identificado 4 objetivos fundamentais mencionados a seguir: quebrar os estereótipos (Nº:1), promover debates/discursão (Nº:3) e ser igualitária (Nº:3).

Segundo Devid (2011) a quebra dos estereótipos é um papel da educação, ou seja, desconstruir a imagem generalizada que os indivíduos têm ao se depararem com a temática por meio de novas informações obtidas pela educação desenvolvendo assim um novo olhar dos indivíduos em relação ao assunto.

Promover momentos de discursão sobre a temática foi um objetivo mencionado em 3 artigos. Corsino (2012) expõe a necessidade de fazer práticas discursivas, algo semelhante que a autora Dornelles (2012) relata, pois, a mesma indica a problematização das compreensões de corpo produzidas nesse espaço pedagógico-institucional, configurando-se como campo de lutas simbólicas e relações de poder. A citação de Kleinubing e Saraiva (2013) fortalece a prática de discursão na educação pois eles argumentam que, assim, pode possibilitar as experiências e transformação através das discursão.

Outro papel da educação citada em 3 artigos relata que a educação deve ser igualitária, ou seja, uma educação que respeite as diferenças mutuas e que seja acessível a todos e a partir dessa visão quebrar os parâmetros que envolva o gênero é defendido no trabalho de Corsino (2014), Dornelles e Dal`lagna (2015) também concordam com uma visão de educação igualitária ao falarem da importância em ser de caráter universal pois a educação tem a capacidade de alargar de (trans) formar os sujeitos em racionais e conscientes para fins de emancipação de poder opressores da sociedade. Segundo Brito e Santos (2013) a inclusão escolar onde o respeito pelas diferenças de gênero, orientação sexual, raça, etnia e etc.

Segundo Antman (2011) perceber e enfrentar os conflitos que surgem, assim como aqueles velados ou disfarçados, consiste num importante desafio da educação.

6.4 PAPEL DO PROFESSOR

Para atingir esses objetivos mencionados anteriormente em relação à educação é primordial a participação do professor, com isso, foi analisado nos 17 artigos o papel do professor no meio escolar vinculado as relações de gênero. Foram extraídos objetivos que segundo os autores dos trabalhos são deveres dos professores de educação física como por exemplo: atualizar os seus conhecimentos (n: 4), ser igualitário (n: 4), promover debates/problematização das aulas(n: 7), ser participativo (n: 2), ser preparado para rejeição dos alunos em certas atividades (n: 1), romper com as dimensões sexista (n: 2), ser criativo nas suas aulas (n: 1) .

É inegável a importância de um professor seja qual for sua área de atuação ser investigativo e atualizar constantemente seus conhecimentos e por esse motivo 4 artigos destacaram o dever do professor em educação física. Como citado por Dornelles (2015) o professor precisa ser investigativo e examinar as normativas que envolvem e constituem os gêneros. A importância desse estudo por parte dos professores de educação física é relatado nos trabalhos de Devid (2011); Corsino e Auad (2012) e complementada no trabalho de Corsino (2014) pois o mesmo inclui a necessidade de conhecer a construção do pensamento sobre essa diversidade humana, esses conhecimentos são essenciais para que o profissional tenha a compreensão das dificuldades e os desafios que envolve o assunto nas aulas de educação física.

Ser igualitário com todos os alunos é objetivo que foi mencionado em 4 artigos e relevante para o processo de relação dentro de um ambiente escolar.

Segundo Brito e Santos (2013) é dever do professor garantir a real participação de todos sem discriminação de nenhum e juntamente com a igualdade de oportunidades, além de: “ser capaz” de reconhecer os talentos e as limitações, educandos e planejar suas aulas de acordo.

Para Vianna (2015) é preciso encontrar alternativas para a não exclusão, além de repensar a prática pedagógica. Essa alternativa seria por exemplo como é citado no trabalho de Uchoga e Altman (2015) adaptação das atividades para que todos os alunos possam realiza-las e realizar as mesmas exigências para ambos os gêneros. (DEVID, 2011).

Algo que é importante para qualquer professor em suas aulas é a promoção de debates por meios de problematização para o envolvimento dos alunos nas discursões e conseqüentemente este papel está presente em 7 artigos.

De acordo com Kleinubing e Saraiva (2013) é fundamental o desenvolvimento de debates nas aulas promovido pelo professor e debates este que para Dornelles e Dal'gna (2015) é preciso que ocorra de forma natural.

Para Altman (2011) cabe o professor a contextualizar as vivencias de forma enriquecedora para que os alunos possam se superar, Saraiva (2003) e Jesus e Devide (2006) coloca também que essa vivência precisa ser problematizada por questões de gênero, na prática pedagógica.

É importante que o professor desenvolva um bom diálogo entre os alunos que segundo Corsino (2014) deverá se desenvolver sobre as diversidades de gênero entre os alunos. A problematização das aulas é defendida também pelos autores Corsino e Auad (2012) para realização de uma aula mais opinativa.

Seguindo esse papel do professor 2 trabalhos apontaram que o professor deve ser mais participativo nas suas intervenções.

Corsino e Auad (2012) e Vianna (2015) enfatizam o papel da participação do professor nas aulas e se fazer presente na mesma, seja por meio de argumentação ou até mesmo intervenções pontuais nas atividades proposta e realização de uma ou outra atividades juntos com seus alunos.

Na área de atuação o profissional de educação deve estar pronto para superar a rejeição dos alunos por certas atividades e movimentos como relatado por Kleinubing e Saraiva (2013).

Diante desse cenário de sexismo que envolve a educação física escolar 2 trabalhos aponta a importância de romper com dimensões. Sayão (2002) afirma que é um dever do professor durante sua prática romper com a dimensão sexista. Para Monteiro (2017) é necessário combater os estereótipos que permeiam a aula.

Por ultimo um dos artigos destaca a importância da criatividade dos professores na sua atuação pois segundo Altmann (2011) o professor deve ser criativo nas suas aulas para superar as dificuldades da falta de participação de alguns alunos e para trabalhar questões como a questão das relações de gêneros durante as aulas.

6.5 CONCEPÇÕES DE GÊNERO

No levantamento do material a respeito dos resultados verificou-se que os autores usaram conceitos variados em relação ao gênero, então foi separado 9 categorias que conceituam o gênero, entre estas categorias estão: determinismo biológico (n: 1), construção social/histórica/cultural (n: 7), estado psicológico (n: 1), compreensão de diferenças (n: 6), organizador da cultura (n: 1), relações (n: 1), produto epistemológico (n: 1), fazer performativo (n: 1), relações sociais (n: 1).

Uma das concepções relacionado no gênero é a de determinismo biológico que está presente no trabalho de Devid (2011) quando o mesmo usar o trabalho de Goellner (2005) para retirar a seu conceito de gênero. O termo gênero desestabiliza (...) a noção de existência de um determinismo biológico cuja noção primeira afirma que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam (...) desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo (GOELLNER, p. 207. 2005).

Em 7 trabalhos os autores usaram a concepção que gênero é uma construção seja ela social, histórica ou cultural. Para os autores Corsino (2014); Silva e César (2014); Uchoga e Altman (2015) gênero se trata como sendo uma construção histórica do indivíduo. Para Altman (2011) gênero e uma construção social pois entende esta categoria como sendo uma construção social Scott (1995) e Louro (2007), Scott afirma que: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significados as relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86).

Não podemos negar a relação histórico-social ligada na construção de concepções de gênero, Gonçalves Junior afirma:

O conceito de gênero ´explicita o ser mulher e o ser homem e o como uma construção histórico-social [...], diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicações das diferenças entre feminino e masculino como fruto da natureza. (GONÇALVES JUNIOR, 2005, p. 5).

Essa construção social por sua vez é associada frequentemente com sexo que segundo Gollner (2005, p. 207) “[.] construção social do sexo. Ou seja, como categoria analítica e política, evidencia que masculino e feminino são construções

sociais e históricas``. Essa construção também é desenvolvida no ambiente escolar pois como é afirmado por Corsino (2014) é uma categoria constitutiva de sujeitos e das interações que são estabelecidas nas instituições e que, ao se travarem, as constroem conjunto das práticas escolares.

O conceito de gênero foi encontrado em um dos artigos pesquisados sendo resumido por Stoller (1993) como sendo um estado psicológico, ou seja, é a identificação do sujeito perante atitudes e padrões de comportamento.

Para Louro (1997, p. 77), gênero refere-se ``ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto``. Portanto a compreensão dessas diferenças é a formação do gênero.

Entende-se gênero como um organizador da cultura (MEYER, 2003) e ao mesmo tempo, como uma categoria que atravessa e constitui os sujeitos de forma ininterrupta ao longo da vida.

As relações de poder estão diretamente associadas com o gênero pois segundo Scott (1995, p.86), o gênero como ``forma primária de dar significados às relações de poder``.

Dornelles e Dal`lagna (2015) relatam que trata as identidades de gênero, tanto como produtos epistemológicos quanto como base binária necessária ao funcionamento de uma lógica heteronormativas.

Porém para Butler (1999) ver o gênero como um fazer performativo, como uma série de ações normativas constritivas que adjetivam o sujeito em masculino ou feminino, de forma distinta de um tom voluntarioso do próprio sujeito.

As relações é algo fundamental para entender o conceito de gênero, Scott (1995) aponta que a utilização do termo gênero objetivou designar as relações sociais entre os sexos, ou seja, uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres, identificadas como masculina e feminina.

7 CONCLUSÃO

No final do trabalho observou-se que a condução de ensino-aprendizagem em turmas mistas favorece as relações de gênero mais emancipadoras e de respeito à diversidade humana, porém essa condução de ensino-aprendizagem deve ser acompanhada de diversos fatores e estratégias de inclusão. Outro fator diretamente ligado para desenvolver esse ambiente é o objetivo da educação no meio social e nas instituições de ensino com seus PPPs (projeto político pedagógico), a educação deve ser libertadora e flexível para discursões e que respeita as diversidades de cada aluno para assim este aluno, possa ser, transformado em um cidadão mais aberto para novas visões e mais humano.

O professor de educação física atualmente deve ser mais abrangente nos seus conteúdos com aulas mais acessíveis para todos os alunos consigam realizar as atividades e por sua vez experimentar a vivência corporal daquele movimento proposto pelo professor. As aulas mais problematizadas permitindo a participação e colocação dos pensamentos dos alunos é algo essencial nos dias de hoje para construir uma educação mais igualitária e crítica que conseqüentemente irá desenvolver um ser autocrítico que possa ouvir e refletir argumentos diferentes dos seus e assim, ser um ser mais participativo dentro da sociedade.

Nos resultados foi identificado que os critérios de avaliação que enfatizam apenas o aspectos técnicos e condicionamento físico são ultrapassados e afastam as meninas das aulas de educação física somando ainda rotina de esportivização das práticas nas aulas pelo professor. Isso enaltece a fala de Silva e César (2012) quando falam da dificuldade de transgredir as práticas corporais, mas expõem a importância dessa prática nas aulas.

Analisou-se que as aulas de educação física podem ser um lugar de desconstruções de preconceitos e superações de desigualdade principalmente para o gênero feminino que é o mais prejudicado de acordo com a literatura. Esse fator é essencial para desenvolvimento de um ambiente social onde mulheres ou homens independentes de seus gêneros possam ter os mesmos direitos.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H; AYOUB, E.; AMARAL, S.C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19. n.2. p. 491-501, maio-agosto/2011.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997
- BRITO, L. T; SANTOS, M. P.; Masculinidades na educação física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, São Paulo, v.27. n.2. p.235-46, jun, 2013
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter, on the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D. Questões de gênero na Educação Física escolar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22. n.3. p. 987-1014, set.-dez. 2014.
- CORSINO, L. N.; AUAD, D; Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: teoria e prática**, Rio Claro, SP, v. 24, n.45. p. 57-75, abr, 2014
- CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar, **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.
- CRUZ, T. M. Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 63-78, 2012.
- DEVIDE, F et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.
- DORNELLES, P. G; DAL’LGNA, M. C. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escola. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1585-1599, dez., 2015.
- DORNELLES, P. G. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cedes**, Campinas, V. 32, N. 87. P. 187197, mai.-ago. 2012.
- DUCA, G, F. et al. Como gênero e escolaridade interagem nos padrões de inatividade física em diferentes domínios em adultos?, **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 653-661, 2015.
- FILHO, L, C. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. São Paulo: Papirus, 1988.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, T, E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de Pesquisa**. Porto alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GONÇALVES J. L.; RAMOS, G. **A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P.; Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, set./dez. 2006.

KLEINUBING, N. D; SARAIVA, M. C; FRANCISCHI, V. G. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Rev. Educ. Fis/UEM**, Paraná, v. 24, n. 1, p. 71-82, 1. trim. 2013.

LIRA, M. H. C. **Academia das Santas Virtudes: a educação do corpo feminino pelas Beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX**. 2009. 143 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, G. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). **Docência, memória e gênero: Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

MEYER, D.E.E. Gênero e educação: teoria e política. In: GOELLNER, S.V.; NECKEL, J.; LOURO, G.L. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: n**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTEIRO, M. V. A construção identitária nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 1-21, abr.-jun. 2017.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NORONHA, D. P; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S; CONDÓN, B. V; KREMER, J. M. (Orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PRATO, V, M.; RIBEIRO, A, I, M.V. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.402-413, abr./jun. 2010.

SARAIVA, M. C. Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer?. **Motrivivência**, Santa Catarina v.13 - n.19, p. 23-29. abril 2002.

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5. p. 1-14, Jul./Jun. 2001-2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SILVA, M. M; CEZAR, M. R. A. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 24, n. 39, p. 101-112, dez. 2012.

SILVA, M. M; CÉZAR, M. R. Refletindo sobre os “problemas de gênero” no Brasil: contribuições para a pesquisa em Educação Física. **Educação Física E Ciência**, Porto Alegre,v. 16, n. 2, p.1-10, dez. 2014.

SOUZA, E, S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escola. **Cadernos Cedes**, ano 2009, nº 48, ago 1999.

STOLLER, R. J. **Masculinidade e Feminilidade**: apresentações de gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

UCHOGA, L.A.R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, São Paulo V.2. n. 2, p. 163-170, jan. 2015.

VIANNA, J. A; SOUZA, S. M; REIS, K. P. Bullying nas aulas de educação física: a percepção dos alunos no ensino médio. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 73-93, jan./mar. 2015.

APÊNDICE A – FICHA DE ANÁLISE

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
1	Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira	Gênero; Ensino; Professor.	O termo gênero desestabiliza (...) a noção de existências de um determinismo biológico cuja noção primeira afirmar que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam.	<ul style="list-style-type: none"> • Mídia. • Construção das identidades de gênero através das aulas. • Mais estudos relacionados gênero na E.D.F. • Incluir o tema gênero nos currículos de cursos de formação superior em E.D.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de discussão de gênero no contexto da disciplina nos cursos de graduação em E.D.F. • Ênfase na Habilidade motora, força e idade. • Mídia. • Masculinização das práticas corporais (os estereótipos). • Aspectos biológicos. • E separação das aulas por sexo. 	Quebrar os estereótipos.	Atualizar os seus conhecimentos ligados ao assunto.	O artigo sugere várias estratégias inclusivas a partir dos motivos de exclusão.

2	Questões de gênero na educação física escolar	Gênero; Professor; Educação; Inclusão Exclusão Meninos meninas		<ul style="list-style-type: none"> • Problematizar as questões de gênero nas aulas. • Propor atividades iguais para ambos os gêneros. • Aulas mistas. • Coeducação. • Tratamento igualitário aos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de orientação baseada em políticas públicas. • Relações da corporeidade de meninos e meninas. • Histórico de separação na área de meninos e meninas. 	Fazer práticas discursivas, configurando-se como campo de lutas simbólicas e relações de poder.	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer as mesmas exigências para ambos gêneros. • Problematizar a questões durante a aula. • Participar das aulas. • Buscar conhecimentos sobre relações de gênero. 	O presente artigos não traz uma definição do conceito de gênero, porém traz fatores de inclusão e exclusão nas aulas por motivos de gênero e faz algumas discursões questionando o professor.
---	---	--	--	--	--	---	---	---

3	A Dança no Ensino Médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento.	Gênero; Professor; Educação.	<p>Entende esta categoria como uma construção social Scott (1995) e Louro (2007).</p> <p>Scott (1995, p. 86), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desconstrução dos preconceitos relacionados aos gêneros. • Proporcionar diferentes vivências e reflexão ao assunto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificar práticas impróprias relacionada ao gênero, impossibilitando a vivência da mesma. • Dividir as atividades de acordo com o gênero. • Preconceitos dos alunos por algumas atividades. 	Possibilitar as experiências e transformação através de discussão.	<p>Estar preparado para rejeição inicial dos alunos.</p> <p>Promover debates.</p>	O artigo destaca a preparação do professor para desenvolver a sua e trabalhar o tema em sala de aula
---	--	------------------------------------	--	--	--	--	---	--

4	Relações Raciais e de Gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais.	Gênero; Professor; Prática; Preconceito; Função.	É uma construção histórica. É uma categoria constitutiva de sujeitos e das interações que são estabelecidas nas instituições e que, ao se travarem, as constroem no conjunto das práticas escolares.	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo entre os alunos relacionado ao tema. • Práticas coeducativas nas aulas de E.D.F. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de debates. • Esportivização dos conteúdos. • Não trabalhar o tema gênero na fase inicial escolar. • Construções de conceitos através da mídia. • Separar as aula por sexo. 	Desenvolver uma educação igualitária. Quebrar parâmetros que envolva gênero.	Estabelecer um diálogo sobre as diversidades de gênero entre os alunos. Conhecer a construção do pensamento sobre essa diversidade humana.	O texto relata a importância do tratamento igualitário no ambiente escolar .
---	--	--	---	---	---	---	---	--

	Artigo	Termos utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
5	Refletindo sobre “problemas de gênero” no Brasil: contribuições para a pesquisa em educação física.	Gênero Educação Práticas Professor	<ul style="list-style-type: none"> • Construção cultural. • Estado psicológicos 	Pesquisas e um melhor aprofundamento relacionado ao assunto.	Área marcada pelo conhecimento biológico.			O artigo não questiona o papel da educação e nem do professor mas expõe argumentos relacionado a temática.

6	A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil.	Gênero Professor Educação Inclusão Exclusão	Para Louro (1997, p. 77), gênero refere-se "ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto".		<ul style="list-style-type: none"> • Supremacia de gênero. • Papeis pré-determinados . • Dimensão sexista. 		<ul style="list-style-type: none"> • Deve haver uma intencionalidade . • Educativa em todas as ações docentes. • Romper com a dimensão sexista. 	O artigo se baseia-se em um conceito de Louro para tratar o conteúdo sem expor estratégias específicas de inclusão, porém, o autor relaciona o papel do professor como sendo a melhor método de acabar com desigualdades nas aulas.
---	--	---	--	--	---	--	--	---

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
7	Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula	Gênero; Educação; Ensino; Práticas; Professor.	É uma construção histórica.	<ul style="list-style-type: none"> • Melhora das habilidades dos ambos os sexos 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de gênero que elevam o gênero masculino. • Habilidades motoras. • Força muscular. • Confiança dos alunos (as) nas suas habilidades. • Medo de arriscar-se em novas aprendizagem corporal. • Autoexclusão das meninas. 		Ter percepções das dificuldades das atividades nas aulas e adaptalas.	A pesquisa não sugeriu muita solução e enfatizou as dificuldades relacionadas ao assunto

8	Do Corpo que Distingue Meninos e Meninas na E.D.F. Escolar	Gênero; Professor; Educação; Meninos; Separação; Meninas.	Entende-se de gênero como um organizador da cultura (Meyer, 2003) e ao mesmo tempo, como uma categoria que atravessa e constitui os sujeitos de forma ininterrupta ao longo da vida. Segundo Scott (1995, p. 86), o gênero como "forma primária de dar significados às relações de poder".	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas mistas. • Problematizar o tema na sala de aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Separação de meninos e meninas nas aulas. • Faixa etária dos alunos (mais velhos, mais difícil). • Desigualdade nas "relações de poder" na sociedade. • Roupas (meninas com roupas inadequadas). • Discurso biológicos. 	Problematizar compreensões de corpo produzidas nesse espaço pedagógico-institucional.		O autor usou a definição de dois autores para debater e chegar nesses resultados, mas como podemos observar ele não incluiu diretamente o professor com objetivos específicos e métodos e sim tratou de modo amplo.
---	--	--	--	---	---	---	--	---

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
9	Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar.	Gênero; Professor; Educação; Inclusão Exclusão	<ul style="list-style-type: none"> • Trata as identidades de gênero, tanto como produtos epistemológicos quanto como base binária necessária ao funcionamento de uma lógica heteronormativas . • Gênero como um fazer performativo (Butler, 1999), como uma série de ações normativas constrictivas que adjetivam o sujeito em masculino ou feminino, de forma distinta de um tom voluntarioso do próprio sujeito. 			<ul style="list-style-type: none"> • Ser caráter universal. • Processo social importante pela suposta capacidade alargada de (trans) formar os sujeitos em racionalidade e consciência para fins de emancipação de poder opressores da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser investigativo e examinar as normativas que envolve e constituem os gêneros. • Debater as questões de gênero de forma natural. 	Não relatou fatores específicos de inclusão/exclusão no trabalho. Podemos observar que o autor deu relevância para a educação de modo geral e para o professor como ser ativo no ambiente escolar.

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
10	Bullying nas aulas de educação física: a percepção dos alunos no ensino médio.	Gênero Professor Educação Inclusão Exclusão		<ul style="list-style-type: none"> • Aulas mistas. • Conversas entre professor e aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bullying nas aulas. • Resistência dos alunos em algumas aulas. • Separação das turmas por gênero. • Aulas separadas por sexo. • Violência e agressividade. 		<ul style="list-style-type: none"> • Encontrar alternativas para a não exclusão, além de repensar a prática pedagógica. • Tem que se fazer presente em aula. 	O artigo enfatiza a função do professor relacionado ao assunto.

11	Masculinidades na educação física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão.	Gênero Educação Inclusão Professor Exclusão	Scott aponta que a utilização do termo gênero objetivou designar as relações sociais entre os sexos, ou seja, uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres, identificadas como masculina e feminina.	<ul style="list-style-type: none"> • Problematização das questões atuais de gênero. • Construção de afetividades. • Prática pedagógicas do professor. • Discutir a inclusão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças de desempenho motor das meninas nos esportes. • Diferenças socialmente construída entre os gêneros, sobrepondo o masculino ao feminino. • Competividade entre os meninos. • Xingamentos utilizados pelos meninos usando termos feminino. • Fatores como gênero, idade, força e habilidades 	Inclusão escolar onde o respeito pelas diferenças de gênero, orientação sexual, raça, etnia e etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Garantir a real participação de todos sem discriminação de nenhum tipo. • Garantir igualdade de oportunidades, além de: “ser capaz” de reconhecer os talentos e as limitações, educandos e planejar suas aulas de acordo. 	Contém informações importantes nas aulas de educação física diante do assunto.
----	---	---	---	--	---	--	--	--

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
12	Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?	Gênero Educação Professor Inclusão Exclusão	Uma construção social.	<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação dos conteúdos. • Práticas coeducativas. • Adaptar as regras de algum jogo ou esporte para evitar exclusão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade na participação nas aulas. • Diferenças nas habilidades. • Resistência ao "novo". • Critérios como idade, habilidade e força. • Escassez de referência à avaliação. • Falta de materiais relacionado ao tema 	Perceber e enfrentar os conflitos que surgem, assim como aqueles velados ou disfarçados, consiste num importante desafio da educação.	<ul style="list-style-type: none"> • Ser criativo nas aulas. • Cabe ao professor a contextualizar as vivências de forma enriquecedora para que os alunos possam se superar. 	

13	Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer?	Gênero Professor Educação Escola Inclusão Exclusão		Experiências coeducativas que problematizam as questões de gênero.	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdades. • Escassez de pesquisas sobre este assunto. • Comodismo dos professores no cenário de desigualdade. 		Problematizar e vivenciar as questões de gênero, na prática pedagógica.	
----	--	---	--	--	--	--	---	--

	Artigos	Termos Utilizados	Concepção de Gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
14	As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes.	Gênero Educação Professor Inclusão Exclusão		<ul style="list-style-type: none"> • Aulas mistas. • Aborda o cotidiano com questões ligada a temática. • Adaptar as aulas. 	<ul style="list-style-type: none"> • “Supremacia masculina”. • Aulas mistas. • Dificuldade em transgredir as práticas corporais. • Normas de gênero. 			O autor deu grande importância em transgredir as práticas corporais de geral como sendo um desafio para o professor e algo necessário.

15	Educação Física, coeducação e gênero: mapeando representações de discentes.	Gênero Educação Professor Inclusão Exclusão	“[...] construção social do sexo. Ou seja, como categoria analítica e política, evidencia que masculino e feminino são construções sociais e histórias (Goellner, 2005, p. 207)”.`	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar as aulas. • Aulas mistas. • Coeducação • Releva a temática de gênero na área de educação física escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Separar as aulas por sexo/gênero. • Fator biológico, cultural, social e histórico. • Habilidades motoras. • Roupas. • Falta de debates. • Desigualdades entre os gêneros. • Brutalidade dos meninos nas aulas. 		Problematicar e evidenciar as questões de gênero na prática pedagógica.	
----	---	---	--	---	--	--	---	--

	Artigo	Termos Utilizados	Concepção de gênero	Estratégias Inclusivas	Motivos de Exclusão	Papel da Educação	Papel do Professor	Minhas Observações
16	A construção identitária nas aulas de educação física.	Gênero Professor Educação Inclusão	O conceito de gênero "explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social [...], diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicações das diferenças entre feminino e masculino como fruto da natureza" (Gonçalves Junior; Ramos, 2005, p.5).	<ul style="list-style-type: none"> • Aulas mistas. • Maior interação entre os gêneros. • Mais conhecimentos . • Mais esforço de todos os setores envolvidos na prática educativa. • Práticas coeducativas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade no "poder" do gênero. • Falta de discursões durante a formação profissional. • Meninos não aceitam atividades com meninas. • Falta de habilidades. 		Refletir sobre sua prática pedagógica e a combater os estereótipos que permeiam a aula.	O trabalho relatou a importância de envolver todos os setores seja eles sociais, educação ou político para combater a exclusão.

17	Gênero e cultura infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro.	Gênero Educação Professores Inclusão Exclusão	Podemos dizer que as diferenças de gênero não são simplesmente resultado das representações sobre as diferenças de sexo (Nicholson, 2000). Um conjunto de práticas sociais (de trabalho, de sexualidade, de experiências corporais, de afetividade, de política etc.) coerentemente ligadas a determinado significado de gênero. (Cornell 1995,1997)	<ul style="list-style-type: none"> • Incluir todos os alunos na atividade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Habilidades. • Atividades classificadas em: masculino/feminino . • Separação entre os sexos na escola. • Vivências dos alunos. 			O presente trabalho não cita a função das instituição educacional e não enfatiza os aspectos de inclusão, porem relata fatores e motivos de exclusão
----	---	---	---	---	---	--	--	--